



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
FACULDADE DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CAMPO  
CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO

ADELÂINE VAZ FEIO COSTA

**ENTRE O CUIDAR DOS FILHOS E ESTUDAR: O CASO DA VILA COMISSÁRIO,  
CONCÓRDIA DO PARÁ**

ACARÁ

2019

ADELÂINE VAZ FEIO COSTA

**ENTRE O CUIDAR DOS FILHOS E ESTUDAR: O CASO DA VILA COMISSÁRIO,  
CONCÓRDIA DO PARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura em Educação do Campo com ênfase em Ciências Naturais, pela Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Santos

Co-orientadora: Agrônoma, Mestranda. Raquel de Jesus Costa

ACARÁ

2017

## ENTRE O CUIDAR DOS FILHOS E ESTUDAR

Adelaine Vaz Feio Costa<sup>1</sup>, Bruno Santos<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Pará – UFPA. <sup>2</sup> Universidade Federal do Pará – UFPA

*Autor para correspondência/Author for correspondence: adelaine.costaufpaedcampo@gmail.com*

**RESUMO.** O interesse por este estudo surgiu durante um Estágio de Observação. Na ocasião, observou-se que muitas alunas já eram mães, em sua maioria, ainda muito novas. As estudantes passavam por dificuldades ao ter que estudar e cuidar dos filhos. Por conseguinte, o trabalho objetiva analisar a realidade das meninas da Vila Comissário que se tornaram mães ainda em período escolar. A pesquisa foi realizada a partir de abordagem qualitativa, com nove mães estudantes que estiveram grávidas ou com filho até cinco anos de idade. Utilizou-se questionário de perguntas fechadas e abertas. As mulheres têm entre 24 e 36 anos, em união estável e casadas, e apenas uma não estuda. Seis mulheres engravidaram ainda no ensino fundamental. Seis obtiveram incentivo dos familiares para dar continuidade aos estudos, as outras três receberam pouco ou nenhum. As escolas de alguma maneira as recebem (maioria entre regular e bem), mas apesar do acolhimento, a escola ainda é despreparada para lidar com essa situação. O sonho de estudar não é negado pois elas continuam estudando mesmo com as dificuldades. Os familiares e colegas de classe costumam ajudar e dar apoio, ajudando na árdua tarefa de estudar e cuidar dos filhos. Todas sonham em continuar estudando.

**Palavras-Chave:** Conciliar estudos. Mães estudantes. Vila comissário. Educação. Gênero.

## Introdução

A mulher, por tradição, tem as maiores responsabilidades quanto a criação dos filhos e quando a maternidade é no período colegial a situação tende a ficar mais difícil, uma vez que os filhos devem ser deixados com familiares, amigos ou cuidadores. Quando isso acontece com mulheres novas, algumas na adolescência, acredita-se que o problema é maior devido a estrutura emocional e financeira, serem afetadas. O que muitas vezes acontece é essa mulher deixar de estudar para concentrar esforços na criação dos filhos. Santos, Martins e Sousa (2008) confirmam que a maternidade precoce tem sido identificada como um fator de afastamento e de dificuldade nos estudos.

Para Quadros et al. (2012), o tema da gravidez na adolescência, no período de escolarização, aparece como um problema difícil de ser tratado nas escolas, uma vez que elas não estão preparadas para lidar com esse tipo de situação. Sendo assim, essas mulheres enfrentam diversos problemas pela falta de instrução ou apoio. A maternidade pode ser vista como um motivo de interdição à vida de determinadas mulheres em certas situações (AMARAL; MONTRONE, 2010).

Historicamente, a noção de mulher, no contexto brasileiro, passou por diferentes estilos de compreensão e concepção, tanto no âmbito doméstico, como na vida social (OLIVEIRA, et al., 2018). À vista disso,

emerge, por meio dos discursos evidenciados, uma possível demarcação de uma fase da adolescência da mulher do campo, até aproximadamente os anos de 1940, marcada pelo trabalho doméstico e, conseqüentemente, pelo preparo dessa menina-mulher para o casamento, estimado, em grande parte, como o único destino possível e viável, sendo que a possibilidade de educação formal e/ou escolarização encontrava-se à margem de suas expectativas. (OLIVEIRA et al., 2018, p. 16).

As perspectivas concebem uma imagem feminina que imprime uma mulher totalmente submissa que depende da figura masculina para sobreviver nos espaços econômicos, políticos e sociais (MATOS; REIS, 2018). No que tange aos aspectos sociais, as autoras concordam que a afirmação da identidade feminina perpassa a história, apresentando multifaces nos papéis sociais, nas sociedades e grupos tradicionais da Amazônia. Neste sentido, é usado o conceito de gênero a fim de conjecturar que as distinções e desigualdades entre mulheres e homens eram social e culturalmente construídas e não biologicamente determinadas (MEYER, 2007).

Concernente às diferenças educacionais, no período de 2013-2015 foi lançado o Plano Nacional de Políticas para Mulheres com um planejamento norteador à educação igualitária. Neste Plano, está incutida a afirmação de que “uma educação de qualidade deve estar intrinsecamente associada à busca da igualdade entre os seres humanos e à valorização da diversidade da sociedade brasileira” (BRASIL, 2013, p. 23) e apresenta alguns objetivos:

I. Contribuir para a redução da desigualdade entre mulheres e homens e para o enfrentamento do preconceito e da discriminação de gênero, étnica, racial, social, religiosa, geracional, por orientação sexual, identidade de gênero e contra pessoas com deficiência por meio da formação de gestores/as, profissionais da educação e estudantes em todos os níveis e modalidades de ensino. II. Consolidar na política educacional as perspectivas de gênero, raça, etnia, orientação sexual, geracional, das pessoas com deficiência e o respeito à diversidade em todas as suas formas, de modo a garantir uma educação igualitária e cidadã. III. Promover o acesso e a permanência de meninas, jovens e mulheres à educação de qualidade, prestando particular atenção a grupos com baixa escolaridade (mulheres adultas e idosas, com deficiência, negras, indígenas, de comunidades tradicionais, do campo e em situação de prisão, e meninas retiradas do trabalho infantil). (BRASIL, 2013, p. 23).

No entanto, sabe-se da realidade das mulheres no que diz respeito à educação. Por mais que medidas como estas, do plano e diversas ações, ainda se tem o grave problema na sociedade, a gravidez precoce de mulheres adolescentes no período de escolarização. São variados os motivos pelos quais elas são acometidas a essa situação e há diversas consequências que influem na vida delas. Corroborando Ximenes Neto et al. (2007), a gravidez na fase da adolescência ocasiona o adiamento de sonhos ou até mesmo a destruição de planos, no qual insere a mulher adolescente em uma situação nova nas esferas social, familiar e escolar, expondo-a a um momento de crises, podendo esta sair da situação fortalecida ou entrar em estado de depressão, tentativa de aborto ou suicídio, em casos mais extremos.

Levando em consideração esta realidade encontrada na literatura e os casos práticos vivenciados, o interesse por este estudo surgiu a partir da participação juntamente com um grupo de estudantes da Universidade Federal do Pará, durante o Estágio de Observação na Escola Francisco Pires Feio na Vila Comissário, em Concórdia do Pará. Nesse período de participação foi possível observar que muitas alunas já eram mães e, em sua maioria, ainda muito novas.

No tocante a isto, concorda-se com Ximenes Neto et al. (2007) que a pouca ou nenhuma escolaridade exerce influência na não aquisição de práticas preventivas, uma vez que a adolescente ao não estudar ou abandonar os estudos fica mais vulnerável a uma gravidez. Os resultados desses autores, mostra que 44,9% das mulheres entrevistadas por eles queria muito ter um filho, estando relacionado ao desejo de ser mãe, e 12,9% engravidaram por não

utilizarem práticas preventivas. Os resultados apresentados pelos autores “mostram que as mulheres estão construindo suas famílias cada vez mais cedo. Mostra ainda, a necessidade eminente da efetiva autorrealização enquanto mãe” (p.7). Ademais, é necessário enfatizar,

que o simples fato da adolescente engravidar não está relacionado somente ao ato de procriação e perpetuação da espécie, mas também, devem ser questionados se esta gravidez é fruto de sentimento de insegurança, se é uma tentativa de fuga do ambiente social em que vive; a continuidade da ludicidade própria da infância; o excesso de cobrança dos pais; carência afetiva; baixa auto-estima; “incompetência” na idealização de projetos de vida; instabilidade emocional ou mesmo planejamento e concretização dos projetos de vida. (XIMENES NETO, et al., 2007, p 7).

Observou-se que as estudantes passavam por dificuldades ao ter que estudar e cuidar dos filhos. Como mostram Urpia e Sampaio (2011), as jovens que engravidam e não tomam atitudes drásticas quanto ao filho, experienciam os diversos desafios na tentativa de conciliar a maternidade e a vida de estudante. Ainda segundo as autoras, as mães estudantes, em sua maioria, têm filhos pequenos, e demandam políticas públicas que lhes possibilitem permanecer no ambiente escolar para concluir os estudos com melhores chances de entrar no mundo do trabalho. A jovem mãe, geralmente está despreparada para a nova função e, adicionalmente, encontra maiores dificuldades para continuar os estudos e inserir-se no mercado de trabalho (SANTOS; MARTINS; SOUSA, 2008).

Essa é uma realidade não só da escola em questão, porém no Brasil inteiro, Urpia e Sampaio (2011), afirmam que a questão de mulheres mães, estudantes, deve ser motivo de discussão e investimento por parte das universidades que hoje também passam por mudanças, redefinindo o alcance da assistência estudantil e necessitando inovar as políticas de ações afirmativas.

As universidades têm programas de auxílio financeiro ou pedagógico para esses casos, porém a realidade em uma escola de ensino fundamental e médio na zona rural não se configura da mesma forma. E os questionamentos surgem, como essas mulheres conseguem criar mecanismos estratégicos para continuar cuidando dos filhos e não deixar de ir à escola? De que forma o ensino influencia no vínculo maternal, ou vice-versa?. Para tanto, é necessário estudos para compreensão deste fenômeno, a partir desses questionamentos, resume-se a problemática na seguinte pergunta: Como é a realidade de meninas da Vila Comissário que se tornam mães ainda em período escolar?. Por conseguinte, o trabalho objetiva analisar a realidade das meninas da Vila Comissário que se tornaram mães ainda em período de escolar.

O texto está constituído por três partes, a saber: I) caracterização do perfil das mulheres mães, estudantes, na Vila comissário; II) as dificuldades enfrentadas por essas mães,

seja em seu cotidiano, no ambiente escolar ou com a própria lida de ser mãe, estudante e dona de casa; III) influência dos diferentes atores na conciliação de ser mãe e estudante. Por fim, as considerações finais.

## **Metodologia**

Esta pesquisa foi desenvolvida por meio de uma abordagem qualitativa que se deu na Vila Comissário no município de Concórdia do Pará. Optou-se pela pesquisa qualitativa (APPOLINÁRIO, 2006) porque de maneira subjetiva o pesquisador envolve-se tanto na observação quanto na análise. Assim, a observação direta (FLICK, 2009) foi crucial em todo período realização da pesquisa.

Foram estabelecidos quatro critérios de participação na pesquisa: 1) Ter tido criança nos últimos 5 anos; 2) Estar estudando no período em que teve a criança; 3) Ser residente da Vila Comissário; e 4) Ter aceito fazer parte do estudo e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Desta forma, as informações foram obtidas com nove mães estudantes que estiveram grávidas ou com filho até cinco anos de idade e estão estudando ou que estudaram até cinco anos atrás, desde a data da pesquisa que ocorreu entre os meses de setembro a novembro de 2019. Todas são moradoras da Vila Comissário e, na grande maioria estudaram na escola Francisco Pires Feio localizada na mesma vila onde foi realizado o estudo. Escolheu-se trabalhar com as mães grávidas por essas ter diversas dificuldades de conciliar a maternidade com o estudo.

Para a coleta de dados, foi desenvolvido um questionário de perguntas fechadas para informações gerais para fins de caracterização como: idade, escolaridade, quantos filhos e com quem mora. Perguntou-se também se teve apoio da família e se engravidou e teve filho durante o ano letivo, dentre outras. Além das perguntas fechadas, perguntas abertas compuseram o questionário, para cada participante se expressar, relacionando a maternidade ao estudo e relatarem sobre suas experiências. Foram entregues para os participantes e dado um tempo de aproximadamente 20 dias para preenchimento das respostas.

A análise dos dados se deu da seguinte forma: leitura do material; transcrição das respostas para o computador, montagem de tabelas com as respostas fechadas afim de fazer gráficos e estatística descritiva para melhor trabalhar em planilhas de Excel e análise. A partir de Michelat (1987), realizou-se a análise quantitativa do conteúdo, horizontal e vertical, a primeira trata-se de analisar cada entrevista, seu próprio conteúdo, já a segunda diz respeito à uma relação feita entre todas.

Com o objetivo de garantir o anonimato e a confidencialidade das informações, atribuíram-se identificações fictícias às entrevistadas, com nomes de flores, conforme o número de participantes.

### **Área de Estudo**

A vila Comissário está localizada no município de Concórdia do Pará, interior do Estado do Pará, a 128 quilômetros da capital, Belém.

A Vila Comissário foi fundada no ano de 1970, onde o Sr. Francisco Pires Feio, conhecido como Júlio Pires, foi o primeiro morador, logo após veio o Sr. José de Matos que construiu também sua casa e aos poucos os demais foram construindo suas casas, na época deu um total de treze casas construídas.

Naquela época era só um pequeno povoado. Para as pessoas chegarem até Belém, capital do Estado, viajavam de canoa pelo rio Bujarú, no qual os barcos faziam um percurso bastante longo, os viajantes saíam duas horas da madrugada e passavam oito dias para ir e voltar, levando suas mercadorias, produtos cultivados na agricultura para serem vendidos, ao mesmo tempo, traziam suas compras, naquela época era comprado somente comida salgada, eles se alimentavam mais de caça e pesca.

O Sr. Carmerindo de Matos Feio era a principal autoridade da comunidade de polícia, o Sr. Nicbolau Taumaturgo era o agente, o seu papel era intimar as pessoas e o comissário prendia os mesmos de acordo com o crime cometido, as pessoas ficavam presas nas suas próprias casas.

Com o passar do tempo, fizeram a estrada e as pessoas que moravam as margens do rio Bujarú começaram a migrar para as margens da estrada e começaram a construir suas casas perto da rodovia. Com isso, a vila foi aumentando e passou a chamar-se de Vila do Trevo do Acará. As pessoas se reuniam na escola, qualquer evento, fosse ele religioso, social ou fúnebre, porque nessa época não existia um lugar adequado para realizar reuniões.

Com o passar do tempo, as estradas foram asfaltadas e a comunidade passou a ser chamada oficialmente de Vila Comissário, em homenagem ao Sr. Carmerindo feio, que durante muito tempo foi o comissário da região, atuando também em vila Concórdia.

Os anos foram se passando e a vila continuou aumentando. Hoje na comunidade (Vila Comissário) há a Igreja católica, a Assembleia de Deus a Quadrangular, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Pires, a praça, o cemitério, lanchonetes, bares e alguns

mercadinhos, onde as pessoas podem comprar sem nem mesmo ir a cidade, tem também um balneário, campo de futebol, onde muitas pessoas podem se divertir.

## **Resultados e discussão**

As envolvidas na pesquisa foram nove, todas residentes na Vila Comissário. As mulheres têm entre 24 e 36 anos, em que cinco estão em união estável e quatro casadas. Sobre a escolaridade, das entrevistadas, apenas uma parou de estudar, no primeiro semestre da graduação em Educação do campo, devido engravidar do terceiro do filho. Duas conseguiram concluir o ensino médio, mas foi em uma escola no centro da cidade. Sobre isto, é uma realidade na zona rural de muitos lugares no país, como afirma Quadros et al. (2012) como resultado de uma pesquisa em Caruaru, que os jovens, na adolescência, necessitam se deslocar para bairros vizinhos ou para o centro da cidade afim de continuarem os estudos.

Às que continuam estudando somam seis, sendo uma concluinte do curso de graduação em Educação do Campo com ênfase em Ciências Naturais, uma na 4ª etapa, uma no 2º ano e duas no 3º ano do ensino médio. Ressaltando, que algumas delas, pararam de estudar e voltaram um certo tempo depois. Amaral e Montrone (2010) analisam vários pontos, julgando-os como importantes para análise do que é ser mulher, mãe, trabalhadora, militante e estudante, um ponto é sobre o retorno à escolarização após os filhos crescidos. Assim como esta pesquisa revelou esta realidade, em que jovens interditam o período de estudos devido à maternidade e só retornam quando os filhos estão maiores, Amaral e Montrone (2010) também identificaram em seus estudos, relatando sobre uma mulher estudante que passou por vários momentos de interdição ao longo de sua vida enquanto mulher pobre e da zona rural.

Quanto às pessoas residentes junto a elas, oito moram com esposo e filho (s), e uma com esposo, filhos e a mãe. Em relação à quantas pessoas residem na casa, duas apresentam residência com três moradores, duas com quatro e quatro delas moram com outras quatro pessoas, totalizando cinco residentes, o que significa ser as mães com maior quantidade de filhos, e uma com seis pessoas, porque agrega além dos filhos e marido, a mãe.

Concernente à quantidade de filhos, duas mulheres têm um, três têm dois e quatro têm três filhos. Sendo que, a idade das crianças é de seis meses até 15 anos, em que a maioria se encontra entre três e sete anos.

No que diz respeito ao engravidar durante o período escolar, sete mulheres afirmaram ter passado por essa experiência e apenas duas não, porque estava no período de afastamento dos estudos. Ainda sobre isso, cinco tiveram seus filhos ainda no ano letivo o que se tornou situação complicada na conciliação das tarefas escolares por conta do período de resguardo. A situação agrava-se quando a mãe além de estudar e fazer as tarefas de casa, trabalha em outro local, fato esse definidor de uma rotina estressante, como relata a Rosa.

Minha rotina era corrida e minha filha acabava tendo também. Eu e meu esposo passamos para estudar em um município diferente de onde moramos, com isso, precisamos nos mudar para facilitar as idas às aulas. Mas como passamos por momentos financeiros difíceis, precisei trabalhar e isso me exigiu mais força de vontade e disposição para continuar a lida. Por exemplo, minha quarta feira. Início do dia. Acordava às 6h, tomava banho, em seguida acordava a minha filha para preparar ela para escola, tomávamos café, e também me arrumava para o dia de labuta. Pegávamos o mototáxi até a beira do rio, atravessava a balsa para pegar uma van até a vila comissário, onde deixava minha filha na casa da minha sogra enquanto estivesse no trabalho, em seguida ia às pressas para o anexo da escola Francisco Pires Feio, onde exercia a função de monitora do Mais Educação, com início do trabalho às 7h30min e encerramento às 11h30m.

Voltava para casa da minha sogra para almoçar. Enquanto isso, minha mãe cuidava da minha filha. Às 12h30min voltava novamente ao anexo para trabalhar. Quando saía do trabalho ia até a casa da minha mãe para buscar minha filha e voltar para casa. Chegando em casa na cidade de Acará por volta de 17h fazia o jantar, dava banho na minha filha, arrumava a bolsa e o lanche para levar à universidade, depois de tudo pronto aguardava meu esposo chegar do trabalho e jantar para irmos à universidade e só voltávamos para casa às 22h.

Quando chegava em casa, brincávamos um pouco e colocava minha filha para dormir. Então ia varrer a casa, lavar roupas, louças e etc. Após os afazeres domésticos tomava banho e ia dormir. No outro dia, tudo de novo. (ROSA, 24 anos)

É importante frisar que, essas mulheres obtiveram esposos, ainda no período da adolescência, sendo em alguns casos a gravidez, o motivo da junção do casal. É notória a ausência de espaços de lazer e entretenimento na zona rural, facilitando o início ao namoro mais cedo, pois o espaço rural, como afirma Quadros et al. (2012), as ruas ficam praticamente desertas durante a noite, propiciando certa privacidade para o namoro. Além do que, os círculos de amizade são pequenos e os pontos de encontro, em sua maioria são: a igreja e suas próprias casas, dentre outros.

O que a pesquisa revelou é que, seis dessas meninas engravidaram enquanto estavam cursando o ensino fundamental, e apenas uma havia passado no processo seletivo para cursar o ensino superior. Em pesquisa realizada em uma comunidade rural Pedro Ribeiro, Nicolau et al. (2012) evidenciaram uma população feminina jovem com baixa escolaridade, as quais (74%) possuíam no máximo o ensino fundamental.

É notório que a vida de quem vive na zona rural é um tanto difícil no que diz respeito à educação, acredita-se que seja a realidade não só do lugar de pesquisa em questão, mas também em outros espaços rural do país. Essa situação é agravada quando se trata de mulheres, uma vez que estas é historicamente receberam o papel de dona de casa e a missão de realizar os afazeres domésticos. Quando acontece de engravidarem, precocemente, a conciliação da gravidez com as tarefas torna-se um grande desafio, principalmente quando são meninas muito novas, porque há o impacto na estrutura emocional e afetiva da família. No entanto, essas barreiras estão cada vez mais sendo vencidas e o maior problema é a conciliação da nova função, mãe, com os estudos. Em alguns casos, a família oferece total apoio, mas sabe-se que também há as mulheres que não usufruem desse privilégio de ter suporte familiar.

Como mostram os resultados, seis entrevistadas obtiveram incentivo dos familiares para dar continuidade aos estudos, as outras três receberam pouco ou nenhum. Realidade, na qual exerce influência na árdua tarefa de conciliar estudo e gravidez, comprovada pelas falas da Margarida e da Violeta. Elas aparentemente tiveram um maior apoio e seus relatos mostram menos dificuldade na conciliação, pois enquanto estavam em sala de aula os familiares cuidavam dos filhos. “Morávamos juntos com o meus pais e eles juntamente com o meu esposo se responsabilizavam totalmente em cuidar do meu filho, minha eterna gratidão a eles” (MARGARIDA, 36 Anos), “Meu esposo ficava com as crianças mesmo trabalhando, quando podia me ajudava muito, levava as crianças com ele sempre. Me ajudava com palavras de ânimo e incentivo” (VIOLETA, 25 anos). “Meu esposo estuda junto comigo, então tentamos revezar, cada um cuidava um pouco, porém como ela tinha suas necessidades como trocar fralda e eu ainda amamentava, acabava passando mais tempo na sala com ela” (ROSA, 24 anos).

O relato das três mães comprova o papel fundamental que o pai exerce ao ficar com as crianças, em que a maioria delas podiam contar com eles, mesmo tendo um dia corrido no trabalho. Além de ficarem com os filhos, os pais também incentivam suas esposas para continuarem, como relata a Iris (24 anos), “ele sempre falava: você tem que ir para aula hoje, você tem que terminar o teu estudo”. Porém, há também as mulheres que apresentam realidade diferente, como da Lírio e Girassol, “Raramente me ajuda, dificilmente está disponível” (LIRIO, 28 anos), “tive que enfrentar essa dificuldade sozinha, pois o mesmo se recusou a assumir essa responsabilidade” (GIRASSOL, 25 anos). Concernente à esta realidade, Amaral e Montrone (2010) identificaram a mesma situação. Elas argumentam sobre o cuidado das crianças, no qual está associado à condição da mulher, como se esta tivesse,

unicamente, a responsabilidade pelos filhos. Desta forma, se estas mulheres tivessem tido o devido apoio do pai da criança, quem sabe alcançasse a conciliação entre estudos e maternidade.

Quando se trata do ambiente escolar, outros atores entram em cena no que diz respeito ao cuidado das crianças, os colegas de classe. Ao perguntar sobre o apoio dos amigos, das nove mulheres, sete afirmaram que recebem ajuda durante a aula (quadro 1).

**Quadro 1.** Apoio dos colegas de classe.

Flores	Você tem algum apoio dos seus colegas de classe?
Margarida	Sempre. Raramente levei meu filho a escola a pedido de colegas de classes e professores para que os mesmos os conhecessem e quando fazia isso, colo para o meu filho era o que não faltava.
Lírio	Sempre. Me ajudam sempre com meu bebê de 6 meses, para fazer minhas atividades sempre tenho o apoio deles, segurando-o enquanto termino.
Vinca	Meus colegas de classe no geral todo mundo se ajuda, todo mundo se apoia. Sempre um dando forças para o outro para seguir em frente e não desistir desse grande sonho nosso (terminar o ensino médio)
Tulipa	Eles me ajudam quando falto a escola por motivos pessoais, me auxiliando nos trabalhos de classe.
Violeta	Sempre. Quando estava em sala de aula meus amigos me ajudavam bastante quando faltava, eles me ajudavam a fazer os trabalhos pedidos pelos professores entre outras coisas.
Girassol	Sempre. Hoje ainda estudo e são eles que me estendem a mão quando necessário.
Rosa	Sempre cuidavam da minha filha quando precisava apresentar trabalho, em dias de prova os colegas que terminavam as provas primeiro a levavam para fora para eu terminar a minha, entre outras ajudas que recebi.

**Fonte:** Pesquisa de campo (2019).

Observa-se, a partir do quadro acima, que os colegas de sala ajudam, principalmente, na realização das tarefas escolares. É interessante as falas da Margarida, Lírio e Rosa, quando relatam de que forma os amigos participam do cuidado das crianças. Os outros estudantes acabam criando laços afetivos com as crianças que frequentam a escola junto a mãe, desde o segurar no colo, entreter com alguma brincadeira, ou até desviar atenção da aula. A Iris e Jasmim apresentaram resultados diferentes, elas expuseram a ausência do apoio por achar que

os colegas têm as mesmas dificuldades e muitos deles não gostam de ajudar, porque falavam que as pessoas queriam passar às custas delas.

O apoio, seja familiar, do esposo ou dos amigos é de fundamental importância para a continuação dos estudos dessas mulheres, uma vez que elas enfrentam dificuldades durante e depois da gravidez, o quadro 2 mostra bem como elas estavam passando no período de gestação.

**Quadro 2.** Dificuldades enfrentadas durante a gravidez.

Flores	Quais as dificuldades enfrentadas durante a gravidez?
Margarida	Minha gravidez desde o início foi muito tranquila tive apoio dos meus familiares e do meu atual esposo (na época namorado) fato este que, foi bastante importante para que eu não desistisse dos meus estudos para concluir o ensino médio e posteriormente iniciar a faculdade.
Lírio	Dificuldades que toda grávida enfrenta como: náuseas, cansaço etc. Mas minha maior dificuldade foi ter que, mesmo grávida, cuidar de minhas filhas de 6 e 3 anos, e ainda cuidar de casa e do marido.
Vinca	Bom, o desconforto da barriga crescendo. Dói as costas, as pernas e o cansaço se tornam maior.
Tulipa	Várias dificuldades como pressão alta, infecção urinária, infecção no sangue e outras.
Jasmim	Eu tive várias dificuldades, a primeira, porque eu não aguentei mais estudar, e aí, parei logo de estudar, eu sentia muito sono, enjoo e muito cansada.
Iris	Era o transporte, porque muitas vezes ele [motorista escolar] não queria vim me buscar ou me deixar, às vezes eu não ia para a aula outras não tinha como vim da escola eu tinha que vim andando no escuro porque o transporte não queria vim me trazer porque ele achava ruim fazer a curva na frente de casa aí as vezes eu tinha que esperar a boa vontade dos outros para mim vim.
Violeta	Dores, desconforto, tinha que deixar meu filho para ir à escola e isso me deixava muito triste, pois, ele era apenas um recém-nascido tinha dificuldade de me locomover e outros.
Girassol	Tive complicações com a formação do feto prejudicando tanto a minha saúde como a saúde do bebê, como também a minha idade contribuiu com várias complicações deste período.
Rosa	As dificuldades foram enjoo, vômito quase todos os dias, dificuldades para me alimentar devido aos problemas já citados, inchaço nas pernas, a barriga crescendo, aumentando o desconforto e a dificuldade nos afazeres domésticos.

**Fonte:** Pesquisa de campo (2019).

As falas do quadro 2 mostram os problemas comuns que as mulheres enfrentam durante o período da gestação, como: cansaço, desconforto, vômito, náuseas e até problemas

mais graves como má formação do feto, pressão alta e infecção no sangue. Unicamente, a Margarida não encontrou grandes problemas devido ter o apoio familiar, diferente das demais, as quais relataram sentir dificuldades, chegando a desistir do estudo, temporariamente, como aconteceu com a Jasmim e a Iris por morar um pouco distante da escola e o transporte não ir até ela.

Além das dificuldades durante a gravidez, as entrevistadas relataram também situações difíceis após o parto (gráfico 3).

**Quadro 3.** Dificuldades enfrentadas no pós-parto.

<b>Flores</b>	<b>Quais as dificuldades enfrentadas no período pós-parto</b>
Margarida	Meu primeiro filho nasceu no período de férias de final de ano e isso contribuiu bastante nesse período, e quando iniciou -se o ano letivo meu filho já estava com 03 meses e assim concluí o ensino médio.
Lírio	Como passei por uma cesariana, a dificuldade só aumentou, mesmo com a ajuda da minha mãe, encontrei dificuldades para passar por esse momento, devido ter filhos pequenos em casa.
Vinca	No meu caso, tive uma cesárea então tem que respeitar os dias de repouso, então perdi muitas aulas, inclusive, provas, mas meus professores foram bem legais comigo.
Tulipa	Bactérias na operação e infecção no sangue.
Iris	Era como deixar meu filho recém-nascido. Não tinha como, ele só mamava, a escola era longe, aí não dava.
Violeta	Dores, sono, problemas com a aparência, pois, perdi muito peso. Olhava no espelho e não ficava nem um pouco feliz com o que eu via.
Girassol	Por ser em pleno ano letivo, o mês do nascimento da minha filha me levou a tomar a decisão de parar com meus estudos uma vez que me faltou apoio familiar para continuar o ano em curso.
Rosa	A primeira dificuldade enfrentada foi saber que o meu parto iria acontecer exatamente no mês que iniciaria as minhas aulas, do ensino superior e não sabia como conciliar as duas coisas. Em seguida descobri que meu parto era de risco e teria que fazer uma cesariana imediatamente levando mais tempo para me recuperar e voltar pra casa.

**Fonte:** Pesquisa de campo (2019).

Observa -se no quadro 3, a partir da fala das entrevistadas, que as dificuldades após o parto continuaram, principalmente na questão de conciliar o cuidar do recém-nascido e a permanência das mães na escola, algumas devido ao apoio que receberam conseguiram dar continuidade aos estudos. Como Margarida e Vinca, percebe-se que o apoio dos professores nesse processo também é muito importante, e no caso de Vinca foi fundamental para que ela não desistisse dos estudos, pois a mesma relata, que já havia perdido aulas e inclusive provas,

ao contrário de Girassol e Iris que não receberam apoio familiar, e tiveram que parar os estudos. Iris relata que recebeu apoio da mãe, porém, esse apoio não foi o suficiente, já que, a mesma encontrou dificuldades de passar por esse momento pois tinha outras crianças pequenas para cuidar. Algumas conseguiram com ajuda dos familiares e professores dar continuidade aos estudos, as outras que não tiveram apoio, desistiram temporariamente.

Quanto aos problemas no dia-a-dia, no quadro 4 mostra que Margarida teve menos dificuldades para conciliar ensino e maternidade, porque sempre pode contar com o apoio dos familiares, seus pais e esposo, os quais apoiaram e ajudaram a mesma a não desistir dos estudos, fato este, que reforça ainda mais a importância do apoio principalmente dos familiares, à essas mães que desejam concluir os estudos.

**Quadro 4.** Dificuldades enfrentadas cotidianamente.

<b>Flores</b>	<b>Qual a dificuldade na escola relacionada ao cotidiano</b>
Margarida	Posso dizer que não tive de certa forma, pois meus familiares e esposo me ajudaram muito e sempre me incentivaram a continuar meus estudos.
Lírio	Todos os dias ter que estudar a noite, tendo dias corridos. Cuidar de filhos, casa, trabalho, durante o dia e ter que estudar a noite, fisicamente esgotada.
Tulipa	Não concluí o ensino fundamental por conta das dificuldades pós-parto.
Iris	Era só o transporte que não gostava de vim me buscar e trazer fora isso não tinha outras coisas não.
Violeta	Muitas vezes faltava na escola por não ter com quem deixar meu filho por esse motivo quando cursava o 1º ano do ensino médio tive que abandonar os estudos para cuidar do meu filho.
Girassol	Não tive dificuldades devido ter parado logo que minha filha nasceu.
Rosa	Uma das dificuldades era pra fazer trabalhos escolares. Em casa não havia ninguém para ficar com minha filha, também era difícil para reunir com outros colegas, porque tinha que levar minha filha comigo e as vezes era difícil mantê-la quietinha para fazer trabalhos, isso muitas vezes me deixava com vergonha.

**Fonte:** Pesquisa de campo (2019).

Em relação as outras entrevistadas, que encararam a maternidade sozinhas, não demoravam muito para desistir ou adiar os seus sonhos, além das dificuldades de lidar com a maternidade, as mesmas ainda passavam por outros problemas relacionados ao cotidiano, os quais não estão relacionados apenas a questões dentro da sala, mas também nas responsabilidades, fora dela, relatada na fala de Rosa afirmando que além das dificuldades de frequentar as aulas, ainda tinha que lidar com as dificuldades de realizar trabalhos escolares em casa, porque não tinha com quem deixar sua filha. Tulipa e Girassol não tiveram outra alternativa a não ser desistir dos estudos por não ter com quem deixar seus filhos.

Observa-se na fala de Lírio uma pessoa com muitas dificuldades relacionadas ao cotidiano como cuidar dos filhos, da casa, trabalhar e ainda ter que estudar a noite, fisicamente esgotada, demonstrando em sua fala, uma mãe com muitas responsabilidades e pouco apoio familiar. Mesmo com tantas dificuldades, é visível o desejo dessas mães em concluir os estudos, e apesar de terem parado por um tempo, ocorrendo um adiamento dos sonhos, assim que possível retornaram novamente para as salas de aula.

Concernente ao ser recebida pela gestão da escola, as respostas foram de bem a regular. Apesar de afirmarem ser recebidas bem, sabe-se que a realidade das mulheres do campo é difícil, pois evidencia a falta de compromisso dos órgãos competentes na garantia de direitos e permanência delas em sala de aula. Em estudo sobre educação de mulheres ribeirinhas, Matos e Reis (2018, p. 17) confirmam que a “proposta curricular das escolas do campo apresenta, portanto, uma discussão frágil acerca das questões que envolvem gênero ao afirmar uma concepção biológica, em que não percebemos a presença das diferentes identidades que, embora silenciadas, estão presentes na escola”. O estudo de Quadros et al. (2012) mostra que os relatos das jovens pesquisadas foi que a escola existe como um espaço de informação, porém não aparece como apoio e reflexão sobre a temática.

A pesquisa de Elenice Barbosa, Marina Leite e Jaileila Santos (2011) aponta a escola como uma instituição muito importante no processo de vivência da gravidez das mulheres jovens. As autoras citaram: a) a importância da ajuda dos professores e da escola, para que essa adolescente desse continuidade aos seus estudos; b) a necessidade de existência de um discurso sobre educação sexual nas escolas; c) a necessidade de a escola estar atenta às necessidades decorrentes da gestação, tendo em vista sua interferência no rendimento escolar das jovens; d) a relação da vivência escolar e do não abandono da escola com a continuidade de um projeto de vida das jovens grávidas e mães. (apud QUADROS, et al., 2012, p 17).

A partir da literatura, vê-se que historicamente, as mulheres vêm gestando durante a fase da adolescência. Sendo assim, a disseminação de subsídios sobre planejamento familiar e acesso à informação sobre saúde sexual é de suma importância, principalmente, nas escolas, para que não suscitem situações indesejáveis por falta de esclarecimento e orientação (NICOLAU, et al., 2012). A falta de informação ocasiona uma série de problemas, Quadros et al. (2012) afirmam que há muitas dificuldades enfrentadas pelas jovens grávidas por não haver uma coparticipação escolar nesse momento de sua vida. Das nove estudantes, cinco afirmaram não conhecer a lei de licença à maternidade, o que mostra a ausência do apoio escolar. Das que disseram conhecer, apenas uma fez uso, mas porque era funcionária e tinha maior conhecimento e a licença foi pelo trabalho e não pelos estudos.

Apesar de todas as dificuldades, todas as mulheres afirmaram que desejam dar continuidades aos estudos como mostra o quadro 5.

**Quadro 5.** Pretensão para continuar os estudos.

<b>Flores</b>	<b>Você pretende dar continuidade aos estudos?</b>
Margarida	A partir de 2020 pretendo iniciar uma pós-graduação, para estar me qualificando para o mercado de trabalho.
Lírio	Meu objetivo é fazer faculdade. Nunca é tarde para sonhar
Vinca	Pretendo fazer uma faculdade, cursinho. Dar continuidade em um sonho que por imaturidade não concluí antes. Mas nunca é tarde.
Tulipa	Sim
Jasmim	Sim. Porque o estudo é muito importante na nossa vida.
Iris	Sim pretendo, quero terminar porque é muito difícil arrumar emprego sem estudo.
Violeta	Estava cursando pedagogia, mas por motivo de força maior tive que trancar, mas pretendo voltar em breve.
Girassol	Sim, acredito que meu futuro depende de mim, quero muito ter a minha independência e, principalmente, dar uma vida melhor para minhas filhas, quero sim me qualificar, pois, vivemos em uma sociedade dividida, onde devemos sempre nos qualificar, porque emprego só tem para aqueles que estudam.
Rosa	Sim. Porém mais pra frente, passei por muitas dificuldades, então pretendo continuar quando minha filha estiver maior, pretendo fazer uma especialização.

**Fonte:** Pesquisa de campo (2009).

As respostas mostram um interesse grande das mulheres em qualificarem-se para o mercado de trabalho. Desta forma, planejam futuramente ingressarem em uma faculdade e até mesmo cursarem pós-graduação, como é o caso de Margarida e Rosa.

Sobre isso, Ximenes Neto et al. (2007) ratifica que com a atual situação socioeconômica em que passa o Brasil, fica evidente a dificuldade para a mulher adolescente e jovem planejar seu futuro com pensamento em finalizar um curso de nível universitário e obter uma profissão definida. Mas o que esta pesquisa mostra, explicita nas respostas das entrevistadas, é que o desejo por continuar os estudos é maior que as dificuldades enfrentadas, mesmo que avaliem o rendimento escolar mediano, após um ano de estudos conturbado com a chegada de uma criança. Apenas duas mulheres se auto avaliaram com rendimento máximo e excelente, as demais foram precisas ao afirmar que por conta das dificuldades enfrentadas com a experiência de ser mãe e estudante, não obtiveram ótimo rendimento, mas sim regular.

### **Considerações finais**

O sonho de estudar não é negado às mulheres assim que tem filhos, elas continuam estudando mesmo com as dificuldades.

As escolas de alguma maneira as recebem (maioria entre regular e bem), o que mostra que essa deve ser uma realidade comum nessas escolas. Os familiares e colegas de classe costumam ajudar e dar apoio a essas mães, isso diz muito sobre como a comunidade se organiza, qual o papel da mulher nesse espaço e talvez indique uma diminuição do machismo estrutural.

Apesar do acolhimento que essas mães recebem da escola, percebe-se que a gestão da escola se encontra ainda despreparada para lidar com essa situação, parece como um local de informação e não como espaço de apoio em relação a essa temática, de modo que ao engravidarem, as jovens apresentaram em seus relatos apenas duas alternativas de apoio, dos familiares e colegas ou a desistência imediata dos estudos, quando as mesmas não recebem o apoio necessário. Apesar das dificuldades que essas mães enfrentam, percebemos através de seus relatos o desejo que todas demonstraram em concluir os estudos. Percebe-se nesses relatos a importância da ajuda dos professores, da escola, dos colegas e familiares para que essas mães continuem os estudos e todas sonham em continuar estudando. Isso mostra a importância desse apoio para diminuir o sofrimento dessas mulheres durante o período de escolarização.

Percebe -se, que quanto menor o nível de escolaridade maior a chance de mulheres do campo engravidarem ou construírem suas famílias mais cedo, devido à falta de perspectiva de futuro.

Observa-se que o ensino desperta novos interesses, como a inserção da mulher no mercado de trabalho, e conseqüentemente, a necessidade de um planejamento familiar adequado. As mulheres com filhos em idade pré-escolar demonstram mais dificuldades para continuar os estudos e participam menos do mercado de trabalho.

## **Referências**

AMARAL, D. M.; MONTRONE, A. V. G. **Mulher, mãe, trabalhadora, militante e estudante.** São Paulo. 2010. Disponível em: [https://www.uniara.com.br/legado/nupedor/nupedor\\_2010/00%20textos/sessao\\_8/08-03.pdf](https://www.uniara.com.br/legado/nupedor/nupedor_2010/00%20textos/sessao_8/08-03.pdf). Acesso em: 02 dez. 2019.

APPOLINÁRIO. F. As dimensões da pesquisa. *In*: APPOLINÁRIO. F. **Metodologia da Ciência: Filosofia e prática da pesquisa.** 2.ed.-São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.p.59-71.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Plano Nacional de Políticas para as Mulheres.** Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013. 114p.

- FLICK, U. Introdução à pesquisa qualitativa. 3.ed.-Porto Alegre: **Artmed**, 2009. 405p.
- MATOS, C. C.; REIS, M. E. Educação de mulheres ribeirinhas no município de Breves. **Rev. Bras. Educ. Camp.**, Tocantinópolis, v. 3, n. 4, set./dez., p. 1249-1267, 2018.
- MEYER, D. E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo** (pp. 9-27). 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- MICHELAT, G. Sobre a utilização de entrevista não diretiva em sociologia. In: THIOLENT, M. (Org.). **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 5 ed. São Paulo: Polis, 1987. p. 191-212.
- NICOLAU, A. I. O.; DANTAS, R. C.; GADELHA, A. P. P.; PINHEIRO, A. K.B. Conhecimento, atitude e prática de mulheres residentes no meio rural acerca dos métodos contraceptivos. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 14, n. 1, p. 164-70, 2012.
- OLIVEIRA, D.; BRIDI, L. E.; LUIZ, M. L.; ALCÂNTARA, R. G. Trajetórias de mulheres camponesas no Espírito Santo: permanências e discontinuidades. **Rev. Bras. Educ. Camp.**, Tocantinópolis, v. 3, n. 4, set./dez., p. 1221-1248, 2018.
- QUADROS, M. T.; ADRIÃO, K. G.; TEODÓSIO, A. M. de C.; MELO, M. J. C. de. Mulheres jovens, sexualidade e redes de convivência em uma comunidade rural de Caruaru/PE: circuitos (des) integrados?. **Revista Antropológicas**, v. 23, n. 1, 2012.
- SANTOS, G. H. N. dos.; MARTINS, M. da G.; SOUSA, M. S. Gravidez na adolescência e fatores associados com baixo peso ao nascer. **Rev Bras Ginecol Obstet**, v. 30, n. 5, p. 224-31, 2008.
- URPIA, A. M.; SAMPAIO, SMR. Mães e universitárias: transitando para a vida adulta. **Observatório da vida estudantil: primeiros estudos**. Salvador: EDUFBA, p. 145-168, 2011.
- XIMENES NETO, F. R. G.; DIAS, M. do S. de A.; ROCHA, J.; CUNHA, I. C. K. O. Gravidez na adolescência: motivos e percepções de adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 60, n. 3, p. 279-285, 2007.